



TROCAS E TRANSFERÊNCIAS LITERÁRIAS E CULTURAIS EM MACHADO DE ASSIS

Elisângela Teixeira Rodrigues

Orientador: José Luís Jobim de Salles Fonseca

Doutoranda

RESUMO: Este trabalho se propõe a realizar levantamentos sobre a inserção literária do escritor brasileiro Machado de Assis no circuito das Américas, e refletir sobre o papel que essa literatura teve para a aceitação progressiva da literatura brasileira, no contexto transnacional. Além desse aspecto da pesquisa, também se observou as questões sobre as quais os estudiosos e pesquisadores se voltam e, que despertam o interesse pela literatura brasileira, circunscrita na produção machadiana.

PALAVRAS-CHAVE: TROCAS, TRANSFERÊNCIAS, CULTURAIS, LITERATURA.

TROCAS E TRANSFERÊNCIAS LITERÁRIAS E CULTURAIS EM MACHADO DE ASSIS

Como aponta Walter Mignolo, as teorias viajam e, ao chegarem a lugares diferentes, são transformadas, sobretudo quando há a interferência do legado colonial, ainda na memória das elites.

(Eurídice Figueiredo–*Conceitos de Literatura e Cultura*)

Este trabalho se propõe a realizar levantamentos sobre a inserção literária do escritor brasileiro Machado de Assis no circuito das Américas, e refletir sobre o papel que essa literatura teve para a aceitação progressiva da literatura brasileira, no contexto transnacional. Além desse aspecto da pesquisa, também se observou as questões sobre as quais os estudiosos e pesquisadores se voltam e, que despertam o interesse pela literatura brasileira, circunscrita na produção machadiana.

Embasados nesse aspecto, observou-se que Afrânio Coutinho (1990), no livro *Machado de Assis na Literatura Brasileira*, observa que desde 1912, vem-se legitimando a cada dia a relevância do escritor brasileiro não apenas no cenário nacional, mas com a presença de críticos estrangeiros, os quais vêm enriquecer e expor a relevância de Machado de Assis fora do cenário brasileiro.

Em consonância com Afrânio Coutinho, o livro de Alcides Maya, intitulado *Machado de Assis: algumas notas sobre o humour* publicado no Brasil, em 1912 é substancial em relação à crítica anterior, e apresenta uma visão muito além daquela elaborada por Silvio Romero. E partir de 1912, surge os estudos mais relevantes, abrangendo aspectos ímpares da produção machadiana.

Antonio Cândido (1995), em *Esquema de Machado de Assis*, no livro: *Vários Escritos*, ao ampliar o panorama da literatura brasileira para as literaturas ocidentais, observa que Machado de Assis permaneceu quase desconhecido fora do Brasil, passando a ser reconhecido, somente na década de 1970, nos Estados Unidos, na Inglaterra e em alguns países latino-americanos, contrapondo a glória nacional à obscuridade internacional.

Cândido atribui a obscuridade internacional a pouca difusão da língua portuguesa naquele tempo e que ainda hoje obscureceram dois escritores de porte que são Machado de Assis – enigmático, original e dono de uma neutralidade textual, e, Eça de Queirós – que é um escritor português ajustado ao naturalismo.

Já o estudioso Ronaldo de Melo e Souza n' *O romance tragicômico de Machado de Assis* (2006) traz a tese da originalidade do romance machadiano na literatura ocidental. Os argumentos dessa tese são compostos de duas partes: a teórica que esclarece a arte machadiana da ficção narrativa; e a analítica, na qual Souza procura explicar a ironia que apresenta relação estrutural desde *Ressurreição* até o *Memorial de Aires*.

Pablo Rocca (2008), no ensaio *Os contrabandistas: tensões e fundamentos da primeira circulação de Machado de Assis no Rio da Prata* aborda a questão das articulações literárias no contexto interamericano, à luz do escritor Viana Moog (2006)¹ que, em 1943, propõe a metáfora do “arquipélago literário” e busca compreender a inserção literária em

¹ In: MOOG, Viana. *Uma interpretação da Literatura Brasileira: um arquipélago cultural*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/ CORAG, 2006.

regiões com personalidade regional, mas imersa no universal como acontece com Machado de Assis, em países como Cuba e na região do Rio da Prata.

[...] o trabalho da Casa de las Américas, de Havana, foi fundamental para difundir a literatura brasileira, com o apoio quase maciço, até fins dos anos sessenta, dos intelectuais. A situação começou a ser propícia por inúmeras causas, entre as quais, a ideia da unidade latino-americana e sua ligação com a literatura, numa direção redentora das sociedades, que estimulou essa liderança simbólica de Cuba. E, entre outros, Machado de Assis, foi incorporado às coleções oficiais cubanas. No entanto, antes de 1959, os leitores da América hispânica tinham grandes possibilidades, maiores do que em qualquer outra língua, de conhecer Machado de Assis. A clássica bibliografia de J. Galante de Souza (1956) mostra que nos anos quarenta e cinquenta saíram várias edições das ficções machadianas, a maioria no Rio da Prata, em especial em Buenos Aires: duas de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1940, 1951, a última no México); duas de *Dom Casmurro* (1943, 1945). Também foi publicada mais uma versão de *Quincas Borba*, em 1947 e 1953, pela importante editora portenha Emecé, em tradução de Bernardino Rodriguez Casal que não foi registrada por Galante de Souza. Mas o fato mais interessante é que, várias décadas antes desse impulso registrado na metade do século XX, as traduções se fizeram presentes na Hispano-américa e, sobretudo, no Rio da Prata. (ROCCA, 2008, p.143-144)

A relevância dos intelectuais engajados na divulgação da literatura hispano-americana é de notada importância para a propagação da produção literária brasileira, principalmente do escritor Machado de Assis, que como assinalou Candido (1995), ainda vivia a “obscuridade internacional”, fosse por questões relacionadas ao idioma de difícil acesso, ou por questões de ordem colonial. Porém, é notório que Machado de Assis, já vinha sendo disseminado em outras culturas da América, mesmo antes do *boom* norte-americano, que não deu a recepção devida ao escritor brasileiro, conforme nota Earl Fitz², no artigo *A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960*.

Numa das suas primeiras entrevistas, S. M. Fitzgerald escreve que um “nihilismo barato” desfigura o romance e diminui o seu valor. Anthony West, escrevendo para a *New Yorker* em agosto de 1952, tem mais coisas positivas a dizer, embora discuta o livro, de forma revoltante, como um clássico menor. Harvey Curtis Webster, ao escrever para a *New York Times Book Review* em 1953, salienta o papel que a ambiguidade representa na ficção

² Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212012000100003>, acesso em: 23 de maio de 2017.

machadiana e menciona a introdução de Waldo Frank, muito perceptiva, que, se tivesse sido reimpressa em outras edições das obras de Machado, certamente teria provocado um efeito positivo na sua recepção. Entretanto, talvez o mais intrigante dos primeiros críticos tenha sido Dudley Fitts, que, ao escrever em 13 de julho de 1952 na *New York Times Book Review*, apontou a necessidade de mais "compreensão interamericana" e sugeriu que a aparição tardia de Machado de Assis em inglês finalmente começaria a intensificar a presença do Brasil nos Estados Unidos. Fitts também é autor de outra das mais importantes resenhas iniciais de Machado, resenha em que consegue simultaneamente declarar Machado um "grande" escritor, merecedor de mais reconhecimento, e descrever a sua obra em termos que o tornariam anátema para um público norte-americano carola e autocomplacente. Ao escrever, por exemplo, que "Nenhum satirista, nem mesmo Swift, é menos misericordioso" que Machado de Assis "em sua exposição da pretensão e da hipocrisia subjacentes na média das boas pessoas", Fitts acrescenta que "Machado, com seu jeito enganosamente afável, é assustador". (FITZ, 2012, p. 25-26)

A recepção norte-americana da obra de machadiana vem acontecendo, ainda que tardiamente, está sendo perceptível que o escritor brasileiro tem seu mérito, a busca por essa melhor compreensão está visível nos estudos de pesquisadores como, Grossmann (1960), Sontag (1990), Paul Dixon (2007), Fitz (2012), dentre outros citados no referido artigo em nota de rodapé.

Publicada em São Paulo, a primeira tradução de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (*The posthumous memoirs of Brás Cubas*) para o inglês, feita por William Grossman, apareceu em 1951. Quando o mesmo texto surgiu nos Estados Unidos, no ano seguinte, 1952, mudou-se o título para *Epitaph of a smallwinner* ["Epitáfio de um pequeno vencedor"], que é como ficou conhecido até 1997, quando, em uma nova tradução, Gregory Rabassa recuperou o título original em inglês. *Dom Casmurro*, traduzido por Helen Caldwell, foi publicado na Inglaterra em 1953. No entanto, só foi editado nos Estados Unidos em 1966, talvez para tentar beneficiar-se da popularidade da literatura latinoamericana na época do *Boom*. Em 1954, *Quincas Borba* foi traduzido para o inglês por Clotilde Wilson, com o título de *Philosopher or dog?* (FITZ, 2012, p. 22)

Observa-se que a tradução do título, por si só, parece comprometer o sentido da obra machadiana nos Estados Unidos da América, incorrendo, possivelmente, na "inscrição de caminhos, múltiplos e borrados, sobre um lugar desterritorializado pelo contrabando e pela transmigração"³, posto que o percurso de Machado de Assis tem um "jardim de caminhos que

³ TRIGO, Abril (1997, p. 165). In: COUTINHO, Eduardo F. *O novo comparativismo e o contextolatino-americano*. Rio de Janeiro: UERJ, vol. 18/2 | p. 181-191 | mai-ago. 2016. Disponível em:

se bifurcaram em múltiplos” como diria Jorge Luis Borges ou mesmo João Cezar de Castro na sua obra: *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Como esses caminhos se bifurcam em múltiplos, pode ir dificultando ao tradutor desterritorializado a apropriação do sentido que a obra apresenta para a “nação” brasileira, porém, nessa viagem, a ficção pode ser transformada e analisada sobre outros prismas, até então não observados, como ocorre com a ficção machadiana.

Segundo Ubitaran Machado (2005, p. 22), o tradutor estadunidense Willian Grossmann, é o mesmo que no ano de 1959, ministra “Curso sobre Machado de Assis na Universidade de Nova York”, conforme notícia n’*O Diário*, proveniente de Belo Horizonte, no dia 23 de setembro do mesmo ano.

No ano de 1959, ainda segundo Ubitaran Machado (2005, p. 24), entre estudos e traduções são encontradas onze publicações relacionadas à obra machadiana pelo estrangeiro, sendo uma delas o “Curso sobre Machado de Assis” de Grossmann e o artigo que Luis Amador Sanches publicou intitulado “Machado de Assis, poeta”, em *La nueva Democracia*, na cidade de Nova York, no volume 38, pp. 47-49.

Jobim (2013) ao avaliar as ideias universalistas e pós-iluministas sobre as concepções importadas diz:

Ainda que as ideias universalistas e pós-iluministas europeias tenham marcado o projeto nacional (não só no Brasil), estas concepções “importadas”, não tinham o mesmo sentido da origem, ou seja, não eram a mesma coisa, pois transformavam-se em sua relação com interesses locais que enfatizavam determinados aspectos e apagavam outros daquelas concepções, gerando uma concepção própria. (JOBIM, 2013, p. 24).

Essas ideias não são aplicáveis apenas no contexto brasileiro e são reversíveis, para as traduções norte-americanas, que contextualizam a ficção machadiana nos parâmetros do idioma de outra nação.

Embarcando no século XIX e ingressando nessas ideias no século XX, podemos observar que:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2016000200181&script=sci_abstract&tlng=pt>, acesso em 23 de maio de 2017.

Nesta direção, ecoa uma certa linhagem de pensamento, presente inclusive entre historiadores brasileiros da literatura no século XX, que trabalha com o seguinte raciocínio básico: no período colonial, a literatura brasileira teria primeiramente “imitado” a literatura portuguesa; depois, com a independência e com o Romantismo, teria passado a desenvolver uma dicção própria, “autônoma”, “individual” etc. (JOBIM, 2013, p. 25).

Assim, Machado de Assis estaria incluso na vertente pós-independência e pós Romantismo Brasileiro, com dicção própria, tão singular que provoca reações ora receptiva, ora incompreensível, mesmo para os críticos literários brasileiros, conforme assinala a bibliografia sobre o autor, e que é bem exposta na escrita de Hélio de Seixas Guimarães, na obra: *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*.

No ano de 1960, sobe de onze para dezesseis, as referências em relação à presença de Machado de Assis no exterior. Ubitaran Machado (2005) registra desde traduções, artigos, comentários, informações e a influência do escritor brasileiro no romance *The Experience*, do americano Cecil Hemley.

Dentre as dezesseis produções, os jornais brasileiros dão notícia sobre a presença de Machado de Assis no exterior, destacando-se ainda Grossmann, com os seus estudos sobre Machado de Assis e, conforme assinala Eugenio Gomes (1960), e da inglesa Helen Caldwell (1960) que absolve Capitu no estudo intitulado *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, publicado em Los Angeles pela University of California Press.

O estudo de Caldwell (1960) promove comentários no Brasil e no exterior. Em língua inglesa, e no território americano. Pronunciam-se sobre *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, Fred P. Ellison, Clotilde Wilson e Willian Atkinson; Raymond Sayers escreve para a *Romanic Review* de Nova York; enquanto Wilson Martins e Hélio Pólvora noticiam a presença machadiana no exterior através dos jornais brasileiros, evidenciando o crescente interesse e a troca cultural que a literatura nacional começa a promover, quando o assunto é Machado de Assis.

Em 1961, Ubiratan Machado (2005, p. 41-8) elenca dezessete notas bibliográficas sobre a presença de Machado de Assis no exterior, dentre as mesmas, Fred P. Elisson publica um artigo na Filadélfia sobre o livro de Helen Caldwell; Wayne C. Booth publica *The Rhetoric of Fiction*, na Califórnia; no México é o escritor Gerald M. Moser quem comenta a

obra através da Revista Iberoamericana e em língua inglesa Clotilde Wilson publica na *Modern Language Quarterly*, sobre a mesma questão.

Ao mesmo tempo Jean Michel-Massa publica *A biblioteca de Machado de Assis*⁴ e os jornais dão notícias sobre a tradução de obras do escritor brasileiro em diversas partes do mundo, enquanto os estudiosos de Literatura Brasileira divulgam Machado de Assis, comentando as interpretações realizadas no exterior, como é o caso de José Aderaldo Castelo que escreve sobre “Interpretações da Obra de Machado de Assis”, na revista *Ocidente* publicada em Portugal, enquanto Massaud Moisés escreve “Nota Preliminar a O Alienista”, por ocasião da tradução feita em Barcelona por Martins y Cassilas.

Em 1962, Ubiratan Machado (2005) inclui catorze referências no exterior e no Brasil sobre a presença de Machado de Assis em terras estrangeiras, sendo que dessas, quatro são referentes aos Estados Unidos e inclui uma *Conferência em Nova York sobre Machado de Assis*, sendo proferida pelo estudioso americano Willian Grossmann e intitulada *Machado de Assis versus a Raça humana*.

Em 1963, Ubiratan Machado (2005) relata dezessete estudos estrangeiros sobre Machado de Assis, dos quais nove são norte-americanos e três são publicações feitas em Londres, como é o caso de Robert Taubman com *The Psychiatrist*; o *Times Literary Supplement*; R. G. Price com *The Psychiatrist* os quais versam sobre a tradução americana da obra *O alienista*. Em Oxford, H. V. Livermore publica *Portugal and Brazil: Na Introduction*. Dentre essas produções, ainda se destaca o livro de Helen Caldwell e as traduções dos contos *A missa do galo* e *O Alienista*. Neste ano, o enfoque dado aos estudos machadianos está pautado no aspecto psicológico.

Nos anos seguintes, até a década de 1970, mais de cem estudos são realizados no estrangeiro sobre Machado de Assis, e os estudiosos brasileiros realizam conferências sobre a ficção machadiana no exterior. Pode-se dizer que o escritor fluminense não é lido apenas no circuito das Américas, mas está introduzido em diversos países.

Pode-se inferir ainda, que, se a recepção inicial da obra machadiana nos Estados Unidos não foi das melhores, também no Brasil houve dificuldades de compreensão, a qual foi sendo cada vez melhor resolvida, permitindo àquele autor receber o valor devido, posto

⁴ Transcrição de José Luís Jobim.

que Machado de Assis rompe com paradigmas até então estipulados. E, a crítica estrangeira tem crescido muito às pesquisas nacionais.

Retomando Rocca (2008), no dialogismo com Gustavo Sorá, o escritor Uruguaio observa que o número de livros brasileiros traduzidos para o castelhano e publicado na Argentina, na década de 40, e espalhado pelos países vizinhos, abasteceu os mercados de língua espanhola até o princípio dos anos 70.

Rocca(2008), pautado em Pierre Bourdieu⁵, sobre o que se traduz e o que se publica, acentua a importância das revistas, enquanto alternativa, para alcançar os meios não atingidos pela indústria editorial, como ocorreu nos países latino-americanos até meados de 1950.

Lembramos, ainda, que boa parte dos romances da época, inclusive os de Machado de Assis, eram publicados, muitas vezes, em rodapés, nos jornais que circulavam, principalmente nos grandes centros urbanos. E era tradição, conforme assinala José de Alencar (1959), a leitura coletiva dessas obras publicada em jornais, no âmbito familiar.

Rocca (2008) coloca duas maneiras para que seja entendida a tradução como referência ao impacto que produz o metatexto na cultura em estudo. Segundo os estudos de Rocca (2008), na tradição formalista, o metatexto desautomatiza a tradição porque procura a modificação do cânon. A outra forma exposta pelo escritor Uruguaio é assinalada por Patrícia Wilson, ao afirmar que coexistem em um sistema literário três instâncias: a produção, a tradição e a importação – esta pode opor-se à tradição ou assegurá-la.

Na opinião de Blaise Wilfert (In: Rocca 2008), o tradutor, enquanto importador, é uma metáfora de um sistema literário consolidado. Logo, pode-se inferir que as diversas traduções realizadas na década de 1970 são a consolidação do sistema literário em outros países, significam sua inserção em outras culturas, promovendo leituras, e releitura crítica, permitindo visões de estrangeiros, que até então não eram postas pelos estudos nacionais, como ocorre com o lançamento da obra de Helen Caldwell que absolve Capitu, que era até então vista única e exclusivamente como culpada pelo ato de traição.

⁵ BORDIEU, P. *Les conditions sociales de la circulation internationale des idées*. In: Actes de la recherche en sciences sociales Année 2002 Volume 145 Numéro 1 pp. 3-8. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793 , acesso em: 16 de julho de 2017.



Rocca (2008) sugere que quando não se tem uma equipe de tradutores adequada, capaz de transpor o texto fonte, pode-se substituir a metáfora do importador pelo contrabandista, aquele que burla os controles oficiais e introduz mercadorias novas, ou seja, textos novos do outro lado, constituindo a ambivalência da língua e da fronteira que o contrabandista improvisa, compartilha, transformando-se em agente benévolo.

Ainda nos estudos de Rocca (2008), observamos que durante o Oitocentos, viajantes e diplomatas cobriram as duas ilhas do continente sul-americano, ao longo do século XIX. A opção nacionalista prevaleceu no Brasil, também como consequência da Guerra do Paraguai. Algo semelhante ocorre com cada Estado-nação hispano-americano, mas há também o exemplo de Rubén Darío, com notável aproximação cultural e interseção entre viajante, diplomata e escritor que viajou pelo Brasil, Argentina e Uruguai – (Montevideu), divulgando a “Revista Magazine”. Enquanto isso, Jean Michel-Massa questiona a ausência de Darío na biblioteca de Machado de Assis, uma vez que Darío seria o único brasileiro homenageado pelo escritor nicaraguense.

Em 2008, conforme assinala Rocca, o bibliotecário chefe da Academia Brasileira de Letras, Luiz Antônio de Souza e a pesquisadora Glória Vianna⁶, ofereceram uma lista de livros da biblioteca de Machado, catalogados por Vianna e nada consta de Rubén Darío ou de qualquer outro hispano-americano. No entanto, aquela biblioteca, hoje sob a guarda da Academia Brasileira de Letras, como se sabe, não estava completa, pois uma série de volumes se perderam, em função da má conservação anterior, quando se encontravam na garagem de descendentes do escritor carioca, armazenados de maneira imprópria.

Rocca (2008) informa ainda que, quando Darío passava pelo Brasil, na Argentina tematizava-se a relação entre a América luso-brasileira e o Rio da Prata, no livro de Martín Garcia Meron que analisa a estabilidade política e a solidez das instituições culturais brasileiras frente aos desequilíbrios das repúblicas hispano-americanas que lutam para consolidar-se; mas Meron aproxima as duas nações, quanto à literatura, argentina e brasileira, e Darío põe por terra o mito do Brasil como terra de bárbaros.

Para Sarmiento, como para Darío, o Brasil aparecia como natureza, ponto crucial e paradigmático dos conflitos com o modelo europeu, porque o país tinha ilhas curiosas de

⁶ In: JOBIM, José Luís. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

civilização como Machado de Assis, a quem os rasgos modernos e transformadores pertencem e que são reconhecidos no Rio da Prata, o lugar mais atualizado da América Latina, conforme afirma Rocca (2008).

Apesar de não haver documentos que comprovem a relação com Darío ou seus interlocutores do Rio da Prata, dois dos livros de Machado de Assis foram traduzidos lá: *Memórias póstumas* e *Esau e Jacó*. Este último livro está no projeto da *Biblioteca La Nación*, empreendimento editorial de uma sociedade em expansão, que teria sido o primeiro passo para a profissionalização do tradutor na Argentina e a conquista de um público ávido de leitura, de acordo com o artigo de Rocca (2008).

Segundo Beatriz Sarlo (In: Rocca, 2008) esse público seria disputado entre a *Biblioteca La Nación*, os romances, folhetins e o cinema nos bairros, derrubando o projeto conservador do jornal argentino e criando outra orientação econômica com outra linha estética.

Em consonância com as informações de Rocca (2008), segundo um anúncio do jornal, a editora, formada para ocupar o tempo ocioso de novas máquinas, nos três primeiros anos de vida (1901 – 1904), ultrapassou um milhão de exemplares, publicando quatro volumes ao mês e até 1920 publicou 872 volumes de autores os mais diversos, nos quais estão inclusos brasileiros como Taunay, Aluísio Azevedo e Machado de Assis – este sem registros adequados sobre o autor.

Essa ação benévola de inserção em outro sistema literário consolidado ocorre de diversas formas. No caso estudado por Rocca (2008), observa-se que a versão inserida na cultura do Rio da Prata não contextualizava o escritor brasileiro, permitindo-nos inferir que a obra já havia se tornado maior que o autor. Ainda segundo Rocca (2008), o primeiro acontecimento machadiano no mundo hispânico foi à publicação, em Montevideu, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em 1902, traduzido por Julio Piquet – que morou no Brasil e foi secretário de Emilio Mitre e diretor interino do *La Nación*.

Piquet foi leitor de Machado de Assis, Aluísio Azevedo, e Afrânio Peixoto – que foi amigo de Rubén Darío e de Olavo Bilac. O último escritor citado por Rocca (2008) é Samuel Blixen que traduziu artigos de Carlos Magalhães de Azevedo sobre Machado de Assis.

Rocca (2008) informa também que Olavo Bilac, enquanto correspondente do *La Nación*, faz apologia machadiana em tom informativo, ignorando a publicação de *Esauí e Jacó* no mesmo ano e consta que Machado de Assis conservou esse recorte jornalístico em seu arquivo.

Segundo Rocca (2008), a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* teria tido a mediação de Luís Guimarães Filho com Machado de Assis, conforme atesta a correspondência entre ambos e esses acordos que culminaram com a publicação por Piquet fugiram ao controle da Editora Guarnier, dona dos direitos da obra de Machado de Assis, que bloqueara traduções para alemão e o francês. A tradução de Piquet, ilegal, de acordo com as notas de Rocca (2008) seria a primeira de um texto machadiano para outra língua.

Rocca (2008) observa que a publicação de dois romances machadianos no Rio da Prata, permite pensar no papel que essa literatura teve para a aceitação progressiva da literatura brasileira, no Sul da América, abrindo aos poucos espaços para a difusão na América hispânica.

Este artigo de Rocca (2008) diz que mesmo Machado de Assis nunca tendo ido ao Rio da Prata, estava presente em suas obras e se aproxima de lá no conto *Um incêndio*, ou seja, a prosa machadiana e de seus tradutores, à luz de Freire e Viana Moog, transformaram duas ilhas do continente sul-americano num arquipélago, com pontes atravessadas por grupos e não apenas por viajantes solitários.

Finalizando essa exposição, à luz de Pablo Rocca (2008), observamos que a inserção machadiana em outras culturas ocorre, inicialmente, através do “contrabando”. O escritor uruguaio permite uma visão bastante profícua, principalmente para o estudante que busca compreender essas trocas e transferências culturais em outros países, principalmente no sul da América Latina, enquanto porta de saída para outros países de língua espanhola.

Realizando um contraponto com todas essas informações extraídas dos escritores já citados, realizamos um levantamento à luz de J. Galante de Sousa (1958), na obra *Fontes para o Estudo de Machado de Assis* e constatamos que, em um século (1857-1957) a obra cataloga mais de oitenta estudos publicados no âmbito nacional e internacional, dentre os quais traduções, comentários, análises e citações da obra machadiana e sua difusão no exterior.

À luz de Galante de Sousa (1958, p. 246), destacamos nos Estados Unidos, a relevância de William L. Grossmann, estudioso americano que, já em 1951, antes do *boom literário* latino-americano publicava um prefácio, por ocasião da tradução da obra *The Posthumous Memoirs of Braz. Cubas*. Nele, Grossmann, inclusive chega a declarar: *Observei que os leitores norte-americanos ou gostam muito, ou não gostam absolutamente de Machado de Assis*, conforme artigo de Otto Scheneider, intitulado *As razões desse contraste*, e publicado no Suplemento de *A manhã*, em 11 de maio de 1952⁷.

No ano de 1952, *O Cruzeiro*, em 2 de fevereiro, noticia estudos na Universidade de Colúmbia, em artigo intitulado *Colúmbia e a Literatura Brasileira*, com referências a Machado de Assis e à atividade docente de Raimundo Sayers que estuda literatura brasileira. De 1952 a 1955, oito artigos são publicados em diversos jornais sobre a tradução de Grossmann, colocando em evidência a presença da Literatura Brasileira, através de estudos sobre Machado de Assis, em solo norte-americano.

Retomando a presença de Machado de Assis na América do Sul, e estudando a forma de introdução da Literatura Brasileira no contexto das literaturas de língua espanhola, como ocorreu na tradução de Julio Piquet em 1902, de forma “ilegal”, o escritor uruguaio considerou a vivência daquele tradutor no Brasil como elemento catalizador do interesse para traduzir e introduzir Machado de Assis na Região do Rio da Prata.

Rocca (2008), mesmo tendo consultado Galante de Souza e fazendo constar que a obra traduzida por Piquet não consta naquelas fontes, desconsiderou que em 1897 o escritor brasileiro Graça Aranha divulgava naquela mesma região a literatura brasileira.

Graça Aranha. “A literatura atual do Brasil”. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, fevereiro de 1898, Tomo XIII, p. 181-213. Conferência realizada no “Ateneu Argentino”, em Buenos Aires, na noite de 22 de dezembro de 1897. Refere-se a Machado de Assis nas págs. 186-191. (GALANTE DE SOUSA 1958, p. 35)

Cinco anos antes da tradução de Piquet, Machado de Assis já era divulgado na Região do Rio da Prata, numa “parceria” literário-cultural entre países amigos e depois da Conferência de Graça Aranha, o poeta argentino Martín García Mérou, publica em 1900, *El*

⁷ Cf. Galante de Sousa (1958, p. 248-249).

Brasil Intelectual. Impressiones y notas literarias, na cidade de Buenos Aires, estudo que consta nas fontes de Galante de Sousa (1958, p. 39) e também no artigo de Rocca (2008).

A conferência de Graça e a publicação da obra de Mérou, são aspectos de divulgação prévia para a tradução de Piquet em 1902. Os caminhos estavam sendo desbravados e a literatura brasileira tomava novas vertentes, adentrando essa região que apresentava a literatura da América do Sul aos países de língua espanhola.

Depois dos eventos literários registrados por Rocca (2008) e da Conferência ministrada por Graça Aranha na Argentina, Galante de Sousa (1958, p. 78), irá fazer registro da presença literária brasileira na Argentina, apenas em 1921, através da publicação de *Letras Brasileñas – Visión general de la literatura brasileña*, do escritor brasileiro Monteiro Lobato, através da *Revistas Nosotros* que foi publicada de 1907a 1943.

O artigo de Monteiro Lobato é republicado em São Paulo, no ano de 1939, afirmando-se que houve uma publicação anterior em *La Prensa*, um diário de Buenos Aires, porém sem especificar a data. Esse artigo foi republicado no Brasil, em jornais de vários estados e consta da obra completa de Lobato.

Em 1º de agosto de 1925, Manuel Gahisto publica em Paris, na *Revue de l'Amérique Latine*, o artigo *Humour Fora da Inglaterra*, em que, segundo Galante de Sousa (1958, p. 85), “Grande parte do escrito é consagrado a Machado de Assis.”

O ano de 1939 foi um dos mais ricos em fontes bibliográficas sobre Machado de Assis, por motivo das comemorações do centenário de seu nascimento. No Brasil, as publicações são feitas em jornais de norte a sul, de leste a oeste, sem poupar louvores à produção literária do escritor fluminense.

As publicações realizadas, no exterior, em 1939, começam com a republicação do artigo de Lobato, já citado. Raul Navarro publica *Machado de Assis e sua desesperança*, na Revista *Nosotros*, de Buenos Aires, e ainda na Argentina, Lídia Besouchet & Nilton de Freitas publicam *Diez Escritores de Brasil*.

Em 1940, A. Tamayo Vargas publica no suplemento dominical de *El Comercio*, datado de 16 de junho, na cidade de Lima, no Peru, *Edición presentando a Machado de Assis ante el Continente*. Este artigo, segundo Galante de Sousa (1958, p. 204) faz comentários

sobre o volume editado pela Federação das Academias de Letras do Brasil, intitulado *Machado de Assis (Estudos e ensaios)*, constando de uma antologia com vários autores.

Em 1942, Hermínio de Brito Conde, publica *A tragédia ocular de Machado de Assis*, e em 1947, traduz a mesma obra para o espanhol.

Hermínio Conde. *La Tragedia Ocular de Machado de Assis. Prologodel Dr. A. Vasquez Barriere, Montevidéo–Uruguay. Traducción de La Dra. Elcira Pinticart de W., Santiago– Chile.* Buenos Aires, Libreria y Editorial El Ateneo, 1947. (GALANTE DE SOUSA, 1958, p. 217).

Não quisemos deixar de fora a conferência de José Lins do Rego no ano de 1943, registrada nas *Fontes para o estudo de Machado de Assis*:

José Lins do Rego. *Conferências no Prata. Tendências do romance brasileiro.* – Raul Pompéia – Machado de Assis – *Conferências lidas no Colégio Livre de Estudos Superiores, de Buenos Aires, em outubro de 1943.* Rio de Janeiro, C. E. B., 1943. Além da conferência sobre Machado de Assis, há referências ao mesmo nas págs. 17-46. (GALANTE DE SOUSA, 1958, p. 222).

Quase 50 anos após Graça Aranha ir ministrar conferências na região do Rio da Prata, é a vez de José Lins viajar e realizar a divulgação e promoção dos escritores e da Literatura Brasileira, mostrando que a boa vontade de escritores engajados é elemento que contribui para a inserção da literatura de um país na cultura de outra nação.

Para finalizar esse tópico, à luz de Galante de Sousa (1958), que teve como finalidade mostrar que Machado de Assis existia, enquanto escritor de ficção, no exterior e nas Américas, bem antes do “*Boom*” literário norte-americano e mesmo antes dos anos de 1940 ou 1970. Como acentuam alguns críticos, escritores renomados já disseminavam a literatura machadiana em outras regiões fora do contexto nacional, mesmo antes de 1940.

Talvez com o centenário de seu nascimento tenham renascido os interesses tanto no Brasil quanto no exterior, e esse movimento nacional tenha impulsionado os estudos estrangeiros que a cada dia vêm desvelando um tanto dos mistérios ficcionais do *Bruxo do Cosme Velho*.

Observamos que as razões que promovem as inserções e trocas literário-culturais, neste caso, estão pautadas no pensamento de que há uma unidade latino-americana e a ligação



com a literatura, numa direção redentora das sociedades, que estimulou essa liderança simbólica de Cuba, conforme observa Rocca (2008).

Os intelectuais engajados na divulgação da literatura são de notada relevância para a promoção da produção literária brasileira, a exemplo de Julio Piquet, Graça Aranha, Olavo Bilac, José Lins do Rego e todos os demais estudiosos que se interessam por obras de determinadas nações, como é o caso do americano Grossmann e de tantos outros que apresentam estudos de alto nível sobre Machado de Assis.

É interessante notar que os estudos publicados em um país podem influenciar as pesquisas nos demais, como é o caso da traição enquanto temática universal, estudada detalhadamente por Hellen Caldwell, que pela primeira vez absolve Capitu da traição e norteia uma série de outros estudos.

Durante certo período o enfoque dado aos estudos machadianos esteve pautado no aspecto psicológico, considerando as correntes de estudos de uma época, na qual se passa a observar esses fatos presentes na produção machadiana.

Aspectos relacionados ao humor, na obra de Machado de Assis, têm como consequência diversos estudos, que buscam uma ancestralidade literária em nomes da literatura universal que tratam dessa, que também é uma questão universal, além do “ceticismo” ou “desesperança” como assinalam as pesquisas.

A aproximação entre as nações, quanto à literatura, dissolve mitos, propõe novas linhas estéticas, movimentam mercados econômicos que se interligam e se tornam porta de saída para outros países de língua espanhola, principalmente no sul da América Latina, que conduz essa produção literária para a Europa, principalmente, para países como Portugal, Espanha e França –sendo que esta última era um grande centro literário.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. In: ALENCAR, José de. *Ficção Completa*. São Paulo: Companhia Aguiar Editora, 1959b, V.I.

CANDIDO, Antonio. *Esquema de Machado de Assis*. In: *Vários Escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.



COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Coleção Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, 1990. Organização de Arnaldo Niskier.

COUTINHO, Eduardo F. *O novo comparativismo e o contexto latino-americano*. Rio de Janeiro: UERJ, vol. 18/2, p. 181-191, mai-ago, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2016000200181&script=sci_abstract&tlng=pt>, acesso em 23 de maio de 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice (Organizadora). *Conceitos de Literatura e Cultura*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFJF, Editora da UFF - EdUFF, 2008.

FITZ, E. *A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960*. In: *Machado de Assis em linha* ano 5, número 9, junho 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212012000100003>, acesso em: 23 de maio de 2017.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

JOBIM, José Luís. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

_____. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MACHADO DE ASSIS. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Globo, 1997. (Obras Completas).

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Gold Editora, 2004. (Clássicos da Literatura)

MACHADO, Ubiratan. *Bibliografia Machadiana 1959-2003*. São Paulo: Edusp, 2005.

MAYA, Alcides. *Machado de Assis: algumas notas sobre o humour*. 3ª. ed. rev. Porto Alegre: Movimento/UFSC, 2002. (Coleção Ensaio, 42).

ROCCA, Pablo. *Os contrabandistas: tensões e fundamentos da primeira circulação de Machado de Assis no Rio da Prata*. In: SECCHIN, Antonio Carlos; BASTOS, Dau; JOBIM, José Luís. (Organizadores). *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte*. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUFF, 2008.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SECCHIN, Antonio Carlos; BASTOS, Dau; JOBIM, José Luís. (Organizadores). *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte*. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUFF, 2008.



SOUSA, J. Galante de. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1958. (Coleção BI, Bibliografia XI.)

SOUZA, Ronaldes de Melo e. *O estilo narrativo de Machado de Assis*. In: SECCHIN, Antonio Carlos; BASTOS, Dau; JOBIM, José Luís. (Organizadores). **Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte**. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUFF, 2008.

_____. *A forma do romance machadiano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.